

O Dr. Google está formando cidadãos com uma nova consciência.

Você pode salvar este artigo no seu computador e enviar para amigos



POR DR. RICARDO A. TEIXEIRA

A informação sobre saúde nunca foi tão democratizada como hoje. Há muito pouco tempo esse conhecimento era quase que exclusivo dos profissionais da saúde, e a internet virou esse cenário de cabeça para baixo. A situação não é tão diferente da história da bíblia na antiguidade, época em que só o sacerdote tinha acesso à palavra de Deus. Não era possível para um homem comum ter um exemplar da bíblia, pois era tudo muito sofisticado e caro, e além do mais, só existia a versão em latim. Estamos numa fase de transição conhecendo um novo homem e um novo paciente que tem acesso à informação como nunca antes pensada. E é por isso que os meios de comunicação de massa têm hoje uma responsabilidade cada vez maior no incremento da cultura em saúde da população.

A comunicação em saúde tem sido definida como a principal moeda de saúde do século 21, e nos Estados Unidos, ela vem sendo encarada como a mais importante área da ciência relacionada à saúde nesse século, fazendo parte dos objetivos Healthy



People 2010, a agenda oficial de saúde pública do governo americano. No Brasil, deliberações das Conferências Nacionais de Saúde apontaram informação, educação e comunicação como elementos estratégicos para consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e para a conquista da cidadania plena no Brasil. O investimento em cultura em saúde é imperativo e para se ter uma idéia de sua importância, estima-se que nos EUA anualmente são gastos entre 106 e 236

bilhões de dólares anuais por conta do baixo nível de cultura em saúde da população e suas conseqüências como a não procura de ajuda médica quando necessária, a dificuldade em assumir hábitos de vida saudáveis e erros no uso de medicações.

A internet certamente está colaborando para a criação de um cidadão com maior capacidade de tomar decisões sobre sua própria saúde. Os médicos estão se acostumando a compartilhar com o paciente a tomada de decisão, o que é o ideal da relação médico-paciente. O paciente, por sua vez, ainda está aprendendo a buscar informação relevante e confiável, assim como inserir de forma afinada o conteúdo de suas pesquisas no momento da consulta médica. Alguns estudos chegam a demonstrar que os médicos acreditam que a relação médico-paciente é prejudicada quando o paciente faz uma pré-consulta com o "Dr. Google". Por outro lado, é bem reconhecido que o paciente informado faz com que a qualidade do atendimento médico seja melhor. Esse é um fenômeno que está em evolução, tanto no que diz respeito ao médico, como também no caso do paciente.

Na escola médica, há muito que se ensinar sobre o modelo de participação do paciente nas tomadas de decisão e isso pode ser

treinado. Uma coisa é o médico perguntar: "Você prefere que eu tome as decisões a respeito do seu tratamento ou você mesmo pode tomá-las?". Provavelmente teremos uma diferente resposta se o médico perguntar: "Você quer que eu tome decisões sobre seu tratamento sabendo o que é importante para você, ou sem saber o que é importante para você? Comunicação em saúde é uma disciplina que deve fazer parte do currículo das escolas de medicina. O aprofundamento do conhecimento nessa área não se destina apenas a uma melhor construção da relação interpessoal médico-paciente, mas envolve também a melhor compreensão da dimensão intrapessoal do paciente, incluindo suas crenças, valores e atitudes. E não pára por aí. Médicos e demais profissionais da saúde, conscientes da importância da comunicação em saúde, têm mais chance de se envolverem na criação e implantação de ações de promoção à saúde em níveis mais abrangentes do que a tradicional medicina médico-paciente. Esse é um ponto de alta relevância na formação do médico. Não tem nada de periférico. Vale lembrar o recado de Escurinho, músico pernambucano radicado na Paraíba: O PRINCÍPIO BÁSICO É A COMUNICAÇÃO.

Fev 2010

Confira outros artigos acessando nosso site

www.icbneuro.com.br
